



GENEE

GRUPO DE TRABALHO PARA
ESTUDANTES COM NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS

TÉCNICO LISBOA

Manual de Apoio para Docentes

Estudantes com Necessidades Específicas



Este manual surge com a intenção de consciencializar os(as) docentes para as Necessidades Específicas (NE) de alguns/algumas estudantes, não esquecendo que cada estudante, cada curso e cada unidade curricular são diferentes e têm especificidades também diferentes. Pretende ser um **guia de orientação e ajuda** para os docentes do Técnico que têm em sala de aula estudantes com NE derivadas de uma incapacidade permanente e/ou temporária e tem como objetivos:

1. Contribuir para a eliminação de barreiras e preconceitos em relação às capacidades e necessidades reais destes estudantes;
2. Facilitar informação específica sobre as incapacidades, os tipos mais frequentes na instituição assim como as repercussões a nível pessoal e académico;
3. Facilitar aos docentes algumas ferramentas e ajudas que enriqueçam o processo de ensino-aprendizagem.

Promover a igualdade de oportunidades!
Um direito! Uma obrigação de todos!

Índice

Considerações Iniciais.....	5
1. Introdução	7
2. O Regulamento do Estudante com NE do Técnico.....	8
3. Recursos e Serviços do Técnico	8
4. Orientações Gerais	10
5. Tipo de apoios mais utilizados no Técnico	12
6. Perguntas Frequentes.....	13
7. Necessidades Educativas Especiais	15
I. Incapacidade Motora	15
a) Características e condicionalismos.....	15
b) Estratégias de Intervenção	17
c) Estratégias na comunicação	19
d) Estratégias em sala de aula:	19
e) Estratégias na avaliação.....	20
f) Sítios de interesse	20
II. Incapacidade Visual.....	21
a) Características e Condicionaismos.....	21
b) Estratégias de Intervenção	21
c) Estratégias na comunicação	21
d) Estratégias em sala de aula:	22
e) Estratégias na avaliação.....	23
f) Sítios de interesse	23
III. Incapacidade Auditiva	24
a) Características e Condicionaismos.....	24
b) Estratégias de Intervenção	26
c) Estratégias na Comunicação	27
d) Estratégias em sala de aula.....	28
e) Estratégias na avaliação.....	29
f) Sítios de interesse	29
IV. Perturbações da Aprendizagem Específica (dislexia, disortografia, disgrafia e discalculia).....	30
a) Características e Condicionaismos.....	30
b) Estratégias de Intervenção	32



c)	Estratégias na Comunicação	32
d)	Estratégias em sala de aula.....	33
e)	Estratégias na avaliação.....	34
f)	Sítios de interesse	34
V.	Perturbação do Espectro do Autismo (PEA).....	35
a)	Características e Condicionismos	35
b)	Estratégias de intervenção	37
d)	Sítios de interesse	39
VI.	Condições de Saúde Mental	39
a)	Características e Condicionismos	39
b)	Estratégias de intervenção	40
VII.	Condições médicas.....	41
a)	Características e Condicionismos	41
b)	Estratégias de Intervenção	41
8.	Como produzir documentos acessíveis?	42
9.	Contactos Importantes dentro do Técnico.....	46
10.	Outros Sítios de interesse.....	46
11.	Anexo: Regulamento do ENEE do Técnico	47
	Tabela 1 – Relação entre dificuldade e grau de incapacidade motora.....	15
	Tabela 2 - Tipos de paralisia e paresia	16
	Tabela 3 - Tipos de origem da incapacidade motora.....	16
	Tabela 4 - Graus de incapacidade auditiva	24

Considerações Iniciais

O presente documento foi inspirado e devidamente adaptado do Manual de Apoio a Docentes do ISCTE.

A designação “Necessidade Educativa Especial” (NEE) surge pela primeira vez em 1978, no *Warnock Report* que definiu estudante com NEE aquele que: comparativamente com estudantes da sua idade, apresenta dificuldades significativamente maiores para aprender ou tem algum problema de ordem física, sensorial, intelectual, emocional ou social, ou uma combinação destas problemáticas, a que os meios educativos geralmente existentes nas escolas não conseguem responder, sendo necessário recorrer a currículos especiais ou a condições de aprendizagem adaptadas (Silva, 2004).

Mais tarde, e numa perspetiva de inclusão, a *Declaração de Salamanca* (1994) inclui neste conceito todos aqueles que se encontrem em desvantagem, devido a deficiência, problemas de saúde mental ou de aprendizagem, sobredotação, crianças de rua ou em situação de risco, que pertençam a minorias étnicas ou culturais, ou outras. Reforça também a urgência de se criarem condições que permitam a inclusão destes estudantes num processo de aprendizagem acessível e universal. Esta educação inclusiva pretende defender o direito de todos os(as) estudantes a desenvolverem e concretizarem as suas potencialidades, através de uma educação de qualidade, que foitalhada tendo em conta as suas necessidades, interesses e características (Freire, 2008).

Atualmente, a expressão Necessidades Educativas Especiais começa a entrar em desuso, principalmente após a publicação do Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho que estabelece os princípios e as normas que garantem a inclusão, enquanto processo que visa responder à diversidade das necessidades e potencialidades de **todos e de cada um dos(as) estudantes**, através do aumento da participação nos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa.

Não poderemos deixar também de abordar a questão do uso do conceito de incapacidade ou deficiência nas NE. Esta discussão tem sido orientada segundo dois tipos de modelos radicalmente diferentes, habitualmente designados por “modelo médico” e “modelo social”. O modelo médico, dominante nas últimas décadas vê a deficiência como “consequência da doença” e que requer uma ação que se confina ao campo médico, seja ao nível da prevenção seja ao nível do tratamento e da reabilitação médica. Subentende também que seja a própria pessoa a adaptar-se ao meio.

No modelo social, por outro lado, é enfatizado o papel do meio ambiente no processo que conduz à incapacidade, por via das barreiras (materiais e imateriais) existentes. A incapacidade não é inerente à pessoa, mas sim um conjunto complexo de condições, muitas das quais criadas pelo ambiente.

Dá-se então uma mudança da classificação pela Organização Mundial de Saúde (OMS), sendo aprovada em 2001 a CIF “*Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde*” demonstrando uma mudança de paradigma: do modelo puramente médico para um modelo biopsicossocial e integrado da funcionalidade e incapacidade humana. Rejeita assim a classificação de pessoas por categorias diagnósticas e estáticas da deficiência, substituindo-a por uma classificação de funções/perfis funcionais e de limitações funcionais assente num modelo dinâmico e interativo da pessoa e do seu meio ambiente. A incapacidade (*disability*) reporta-se, portanto, à disfuncionalidade no conjunto dos seus diferentes níveis: deficiências, limitações na atividade e restrições de participação, e não apenas a um dos seus aspetos. Assim sendo, e segundo a CIF (2001) define-se:

- **Funcionalidade** - é o termo genérico ("chapéu") para as funções e estruturas do corpo, atividades e participação. Corresponde aos aspetos positivos da interação entre um indivíduo (com uma condição de saúde) e os seus fatores contextuais (ambientais e pessoais).
- **Incapacidade (*disability*)** - é o termo genérico ("chapéu") para deficiências, limitações da atividade e restrições na participação. Corresponde aos aspetos negativos da interação entre um indivíduo (com uma condição de saúde) e os seus fatores contextuais (ambientais e pessoais).

Dado que o termo deficiência não deixa transparecer o papel relevante do meio ambiente, iremos usar neste manual o conceito de incapacidade (*disability*) uma vez que deficiências idênticas podem ter incapacidades bastante diferentes.

Uma pessoa com cegueira, isto é, que tem uma deficiência, pode ou não ser capaz de mexer num computador, dependendo da existência de algumas barreiras.

Se o computador possuir um programa de leitura de ecrã, as barreiras desaparecem.

A deficiência continuará lá, mas a incapacidade de mexer no computador não!



1. Introdução

No ano letivo de 1994/1995 foi realizado o primeiro levantamento do número de estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEE) que estudavam no ensino superior, tendo sido identificados nessa altura, 244 estudantes NEE a nível nacional (Patrício, 2002).

Mais tarde, o Grupo de Trabalho para o Apoio de Estudantes com Deficiências no Ensino Superior (GTAEDS) identifica 816 estudantes com NEE no ensino superior no ano letivo de 2006/2007, mostrando que o número quase que triplicou em pouco mais do que uma década (Pires, 2009).

Este aumento gradual de estudantes com NEE nas duas últimas décadas tem ocorrido devido à implementação de medidas políticas e sociais de acesso e democratização que promovem a inclusão educativa no ensino superior.

O Técnico tem vindo a desenvolver um conjunto de recursos e serviços que têm como objetivo contribuir para o sucesso e bem-estar dos(as) seus(suas) estudantes com NE.

Em 2023 integrou o GTAEDS, grupo de trabalho que visa proporcionar um serviço de melhor qualidade a estudantes com deficiências, assim como promover a aproximação inter-serviços que apoiam estudantes com deficiência, por forma a facilitar a troca de experiências, o desenvolvimento de iniciativas conjuntas e a racionalização de recursos no âmbito do ensino superior.

2. O Regulamento de Estudante com Estatuto Especial do Técnico.

O Técnico dispõe de um Regulamento de Estudantes com Necessidades Educativas Especiais que prevê diversos direitos e medidas de apoio aos/às estudantes com NEE (capítulo VI).

O Regulamento encontra-se disponível [aqui](#). Pode também ser consultado no final deste documento.

3. Recursos e Serviços do Técnico

O Grupo de Trabalho para Estudantes com Necessidades Educativas Especiais (GENEE) é um grupo de trabalho do IST para questões às NEE nas áreas do ensino, da investigação científica, da prestação de serviços à comunidade e do funcionamento, em geral, da instituição. O GENEE não tem poder deliberativo, mas sim consultivo, de acompanhamento e encaminhamento dos diferentes assuntos que dizem respeito a estudantes com Necessidades Educativas Especiais. Mais informações [aqui](#).
Coordenadora: Carla Boura

Em termos de **acessibilidade física**, o Técnico é um instituto inclusivo, tendo sido realizado o levantamento da acessibilidade física e adaptações aos locais sinalizados em 2023. Preocupa-se em proporcionar:

- Salas de aulas e edifícios acessíveis
- Rampas de acesso para cadeiras de rodas e elevadores
- Instalações sanitárias adaptadas
- Lugares de estacionamento para pessoas com mobilidade reduzida.

Em relação aos serviços destacamos:

A Área de Graduação da Alameda (AG) tem como missão proceder à gestão e instrução dos processos dos alunos de 1º e 2º ciclos de estudo e cursos integrados do IST, desde o seu ingresso até à obtenção da respetiva titularidade, garantindo a recolha e registo de todos os dados essenciais que contribuam para uma gestão académica eficiente e de elevados padrões de rigor e qualidade. Pessoa de contacto: Lídia Silva (lidia.silva@tecnico.ulisboa.pt).

O Apoio ao Estudante do Taguspark (APET) centra a sua atividade no apoio à integração do estudante e no trabalho de prevenção, através da realização ao longo do ano letivo de vários workshops, de programas de desenvolvimento de competências académicas e pessoais específicas para os diferentes ciclos de estudo e de atividades de promoção de estilos de vida saudáveis, bem como acompanhamento psicopedagógico. Pessoa de contacto: Carla Boura (carla.boura@tecnico.ulisboa.pt).



É da competência da **AG** e do **APET** fazer a receção ao(à) estudante com NE; Organizar e analisar o seu processo com vista à obtenção do estatuto no âmbito do Regulamento de Estudantes com Estatutos Especiais; Esclarecer dúvidas e prestar apoio aos(às) estudantes com NE e aos(às) docentes; Fornecer informações acerca dos tipos de ajudas e dos serviços disponíveis na instituição;

Ao Núcleo de Desenvolvimento Académico (NDA) compete desenvolver estratégias e dinâmicas de ensino e aprendizagem que potenciem o desenvolvimento académico dos estudantes e o desenvolvimento de carreira dos docentes e investigadores do IST, nomeadamente através da implementação generalizada de práticas de *coaching*, *mentoring* e *tutoring*.

Os Serviços de Ação Social da Universidade de Lisboa (**SAS/ULisboa**) visam proporcionar aos/às estudantes, condições de estudo e aproveitamento escolar através da concessão de diversos apoios e serviços. Os(as) estudantes bolseiro(a)s, que sejam portadores(as) de deficiência física, sensorial ou outra, com um grau de incapacidade igual ou superior a 60%, devidamente comprovado através de atestado de incapacidade, beneficiam, de estatuto especial na análise do requerimento a bolsa. Mais informações [aqui](#).

Os Serviços de Informação e Documentação (Biblioteca) do Técnico disponibilizam uma sala onde estão instalados diversos equipamentos destinados a estudantes com NE, com particular destaque para os estudantes cegos ou com baixa visão, possibilitando:

- Acesso à Internet
- Consulta de obras em suporte de papel
- A conversão de documentos para formatos adaptados às suas necessidades
- Impressão de documentos em *braille*.

4. Orientações Gerais

O estatuto Estudante com Necessidades Educativas Especiais (ENEE) está disponibilizado automaticamente no Fénix.

A informação relevante, e de consulta obrigatória, sobre os seus ou as suas estudantes com NEE encontra-se via separador docência -> disciplina -> alunos, na coluna estatutos (com a descrição dos apoios a prestar).

De forma a agilizar os procedimentos, os emails de aviso a docentes sobre ENEE serão enviados unicamente em casos excecionais.



- O(A) estudante do Técnico tem o direito à **privacidade** no que diz respeito às suas NE (as informações relativas à necessidade específica são consideradas dados sensíveis pelo Regulamento Geral de Proteção de Dados) e assim sendo, todo o processo assenta no pressuposto da confidencialidade ocorrendo que apenas acedem ao processo de estudante com NE aqueles que intervêm diretamente na atribuição do estatuto e/ou na implementação dos apoios e na medida do estritamente necessário.
- O(A) estudante tem o **direito de decidir se quer ou não partilhar** a sua dificuldade. Isto deve ser respeitado por todos mesmo após o(a) docente tomar conhecimento da mesma.
- Se o(a) estudante tiver identificado a sua NE e tiver requerido o estatuto de estudante com NEE, **todos os seus docentes irão ter disponíveis, no Fénix**, para além da atribuição do estatuto, os apoios que foram considerados necessários para aquele estudante.
- Caso tenha na turma um estudante com NEE, pode acontecer ser convocado pela AG, APET ou GENE para uma reunião no início do semestre, para lhe serem prestadas algumas informações relevantes sobre o estudante.
- Se o(a) estudante apresentar uma NEE permanente a atribuição do estatuto e dos apoios é renovada anualmente de forma automática, sem prejuízo de se poder proceder a alguma adequação.
- Os(As) docentes podem encaminhar o(a) estudante para a AG, APET ou

GENEE, podendo recorrer também a estes serviços em caso de necessidade.

- O(A) estudante é o(a) primeiro(a) responsável por analisar a sua capacidade de corresponder ao longo do ano aos requisitos da Unidade Curricular, em função dos condicionalismos decorrentes da sua NEE.
- É importante que os(as) docentes, no início de cada semestre, procurem esclarecer, com o(a) estudante, as suas limitações e os requisitos que considera necessitar.
- O(a) docente deverá tentar encontrar com o(a) estudante, alternativas válidas, se este/a necessitar de faltar várias vezes.

O(A) docente deverá:

- Tratar o(a) estudante de forma natural evitando preconceitos ou excesso de proteção que acabam por impedir ou dificultar a relação com o(a) mesmo(a);
- Centrar-se nas capacidades e não nas limitações do(a) estudante. Uma visão positiva do(a) estudante favorecerá a sua aprendizagem e a qualidade educativa;
- Assegurar que entendeu a mensagem do(a) estudante e que ele(a) também o(a) compreendeu. Estratégias como dar o tempo necessário, dar mensagens claras e repetir a mensagem do(a) estudante podem facilitar este processo;
- Facilitar e colaborar na incorporação de ajudas técnicas na sala de aula.

5. Tipo de apoios mais utilizados no Técnico

- **Tempo extra** – Por exemplo, estudantes com morosidade na escrita ou na fala beneficiam de 15 minutos de tempo extra por cada hora de avaliação.
- **Acesso a Época Especial** – Os(As) estudantes NEE têm acesso a época especial de avaliação.
- **Apoio pedagógico acrescido** – Os(As) estudantes podem usufruir de apoio pedagógico acrescido por parte dos(as) docentes, mediante necessidade.

Além destes apoios, o GENE elaborou um levantamento de medidas de apoio que poderão ser aplicadas mediante a necessidade do caso do(a) estudante, podendo ser acedido [aqui](#).

6. Perguntas Frequentes

1. Como consigo encorajar os(as) estudantes com NEE a falarem comigo sobre as suas necessidades?

Pode informar, no início das aulas, para toda a turma, que está disponível para discutir com os(as) estudantes com NE métodos e apoios apropriados para as suas dificuldades.

2. Devo perguntar diretamente a um(a) estudante que claramente está a ter dificuldades, se tem ou não uma NE ou referenciar o(a) estudante para os serviços do Técnico?

Não. Não será uma boa ideia perguntar diretamente acerca de uma possível NE. Isto poderá ser considerado demasiado intrusivo para o(a) estudante.

Pode apenas dizer ao/à estudante que sente que ele/a está a ter dificuldades académicas e encoraja-lo(a) a ir falar consigo em privado de forma a ter algum tipo de assistência.

3. Como mantenho a confidencialidade?

Não fale sobre as dificuldades em frente à turma toda, mas sim em privado, no seu gabinete.

4. O que faço se o(a) estudante me abordar diretamente com um pedido para alterações curriculares ou apoios pedagógicos, mas sem ter requerido o Estatuto de Estudante com NE?

Se o(a) estudante tiver uma NE documentada, a melhor abordagem é encoraja-lo(a) a contactar a AG, APET ou GENE para que possamos determinar quais as suas necessidades e quais os apoios mais adequados ao seu caso.

5. O que faço se não concordar com as adequações propostas pelos serviços?

Deverá contactar os serviços acima de forma a expor a situação e tentarmos encontrar em conjunto formas alternativas para apoiar o(a) estudante com NEE. A adequação proposta deverá ser mantida até se acordar com outra solução.

6. O que devo fazer se o(a) estudante me pedir mais adequações ou diferentes das que ficaram estabelecidas aquando da atribuição do estatuto de estudante com NE?

Deverá referenciar o(a) estudante para os serviços indicados. Todas as adequações deverão estar relacionadas com as limitações funcionais que são normalmente estabelecidas durante a reunião com o(a) estudante e a leitura da documentação médica/psicológica.

7. Como são avaliados os pedidos de adequações?

Os pedidos são avaliados pela AG, APET ou GENE e validados pelo Conselho de Gestão. Esta avaliação é feita através de entrevista com o(a) estudante e análise da documentação que comprove a existência do comprometimento físico ou psicológico e justifique a necessidade de adequações pedagógicas. As adequações são propostas caso a caso. Todo este processo é feito em colaboração com o estudante e no final, as adequações devem ser aceites por este.

8. Dar tempo extra nos exames dá aos(às) estudantes uma vantagem injusta?

Não estamos a dar uma vantagem, mas sim a garantir a existência de uma igualdade de oportunidades. Estamos a tentar eliminar uma desvantagem e ultrapassar uma barreira relacionada com a educação. O(A) estudante poderá precisar de mais tempo para escrever, ler, compreender ou processar informação devido à sua condição. Como tempo extra é dado ao/à estudante as mesmas condições para produzir as respostas aos exames que os(as) estudantes sem NE conseguem produzir no tempo estipulado.

9. Porque devo dar mais tempo a este/a estudante? Ele(a) não precisa. Ele(a) teve boa nota no último teste.

Da mesma forma que não diminuimos o tempo dado a estudantes sem NE que tiram notas altas em exame, não devemos penalizar os(as) estudantes com NE por tirarem boas notas. Os apoios dados são baseados na identificação das suas necessidades educativas.

10. Posso recusar fazer determinada adequação sugerida pela AG, APET ou GENE?

Se o(a) docente sentir que a adequação proposta compromete a integridade do currículo ou das aprendizagens, isto deverá ser comunicado aos serviços.

7. Necessidades Específicas

I. Incapacidade Motora

	Leve	Moderada	Grave
Comunicação	Problemas articulatorios leves.	Dificuldades linguísticas. Fala imprecisa, embora compreensível.	Muito afetada, recurso a sistemas de comunicação alternativos.
Motricidade	Movimentos desajeitados que afetam as habilidades motoras finas.	Marcha instável e problemas no controle das mãos. Problemas de motricidade fina e grossa. Marcha instável com auxílio na mobilidade. Controle funcional da cabeça.	Sem controlo de membros. Mobilidade com auxílio de cadeira de rodas. Controle defeituoso ou ausente da cabeça.
Autonomia	Pode realizar as atividades de vida diária de forma correta e independente.	Algum grau de realização independente de atividades de vida diária.	Incapacidade de realizar atividades de vida diária, dependência total.

Tabela 1 – Relação entre dificuldade e grau de incapacidade motora

a) Características e condicionalismos

Disfunção de carácter congénito ou adquirido que afeta a motricidade.

Gravidade

As alterações ocorrem em graus variados: leve, moderada, grave, mas não podem ser generalizadas uma vez que cada pessoa tem uma capacidade funcional diferente mesmo com o mesmo tipo de défice. Podem ser evolutivas (distrofias musculares) ou não evolutivas (paralisia cerebral).

Área afetada:

Podemos falar de paralisia (diminuição ou abolição da motricidade em uma ou mais partes do corpo com déficit completo de força muscular) ou de parestia (paralisia incompleta ou diminuição da motricidade em uma ou mais partes do corpo).

Paralisia	Paresia
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Monoplegia</u>: paralisia de um únicomembro. • <u>Hemiplegia</u>: paralisia de um lado do corpo. • <u>Paraplegia</u>: paralisia das duas pernas. • - <u>Diplegia</u>: paralisia que afeta partes iguais em cada lado do corpo. • - <u>Tetraplegia</u>: paralisia dos quatromembros. 	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Monoparésia</u>: paralisia leve ou incompleta de um único membro. • <u>Hemiparésia</u>: paralisia leve ou incompleta de um lado do corpo. • <u>Paraparésia</u>: paralisia leve ou incompleta de ambas as pernas. • <u>Tetraparésia</u>: paralisia leve ou incompleta dos quatro membros.

Tabela 2 - Tipos de paralisia e paresia

Origem:

	Cerebral	Espinal	Muscular	Osseo-articular
Dificuldade	Controle da postura, mobilidade, deslocamentos, manipulação, linguagem oral, alterações na percepção.	Mobilidade, deslocamento, controle de postura, controle fino, controle do esfíncter	Mobilidade, controle de postura, manuseio, capacidade respiratória.	Posturais, manipulação.
Exemplos mais comuns	<ol style="list-style-type: none"> 1. Paralisia cerebral 2. Trauma encefálico de crânio 3. Acidentes cerebrovasculares 4. Tumores 5. Outros 	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Spina</i> bífida 2. Lesões da medula espinhal 3. Outros 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Distrofias musculares 2. Miopatias 3. Neuropatias 4. Outros 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Artrogripose 2. Osteogênese imperfeita (ossos de cristal) 3. Reumatismos 4. Outros

Tabela 3 - Tipos de origem da incapacidade motora

No Técnico alguns dos(as) nossos(as) estudantes com incapacidade motora têm:

Paralisia Cerebral - Conjunto de doenças caracterizadas pela disfunção motora decorrentes de lesão durante os primeiros estágios de desenvolvimento.

É permanente, mas não evolutiva. Não é imutável, como tal, suscetível de melhoras. A deficiência motora expressa-se em padrões normais de postura e movimentos, associados a um tônus postural anormal. A lesão atinge o cérebro quando ainda é imaturo e interfere no desenvolvimento motor normal da criança. Os distúrbios mais relevantes são os motores, os quais não implicam necessariamente, a existência de uma deficiência mental associada.

Distrofia Muscular - É uma doença neuromuscular, ainda incurável, que afeta os tecidos musculares do corpo de forma grave e contínua. As capacidades intelectual e mental estão preservadas. Há formas diferentes de distrofia de acordo com os músculos atingidos. Podem ser de origem neurogénica (por um mau funcionamento do sistema nervoso) ou miogénica (degeneração das próprias fibras musculares).

Em alguns casos evolui para uma paralisia total, condicionando a pessoa a uma cadeira de rodas.

Artrogripose – É também conhecida como **artrogripose múltipla congênita (AMC)**, e é uma doença congénita rara que se caracteriza por múltiplas contracturas articulares e pode incluir fraqueza muscular e fibrose. É uma doença não progressiva. No tipo mais comum de artrogripose, chamado amioplasia, mãos, punhos, cotovelos, ombros, quadris, joelhos e pés são afetados. Nas formas mais graves, praticamente todas as articulações são afetadas, incluindo o maxilar e as costas. Frequentemente, as contracturas são acompanhadas de fraqueza muscular, o que limita ainda mais o movimento.

Osteogénese imperfeita - É um grupo de doenças genéticas raras caracterizadas por ossos e dentes frágeis. A severidade da doença depende dos genes afetados. Muitas pessoas com osteogénese imperfeita nascem com fraturas, sofrem deformidades e não sobrevivem à idade adulta. Aquelas que sobrevivem, sofrem diversas fraturas, têm baixa estatura, problemas respiratórios, auditivos e odontológicos. As fraturas podem ocorrer mesmo sem causa aparente. Porém a capacidade cognitiva, sensitiva e emocional é normal.

b) Estratégias de Intervenção

É normal associar a incapacidade motora apenas àqueles(as) estudantes que usam cadeira de rodas, mas muitas outras ajudas técnicas podem estar presentes para facilitar a mobilidade, como sejam as canadianas, próteses, bengalas, etc.

De uma forma geral, as principais dificuldades com que estes(as) estudantes se confrontam são realmente as barreiras arquitetónicas e a dificuldade em transportar ou manusear equipamentos ou realizar as tarefas de vida diárias de forma autónoma e independente. Neste sentido, o Técnico tem procurado eliminar barreiras arquitetónicas, sendo que a maior parte dos edifícios, casas de banho, cantinas e bares encontram-se adaptados para receber estudantes com dificuldades motoras.

É também da responsabilidade da instituição **garantir o acompanhamento por uma segunda pessoa**; Disponibilizar o **acesso aos lugares** de estacionamento existentes no campus; **Adaptar o meio físico das salas de aulas** de forma a torná-lo acessível (por ex. aqueles(as) que necessitem de usar cadeira de rodas devem ter mesas adaptadas, habitualmente mais altas do que a dos(as) colegas); **Considerar o(a) estudante na turma aquando da marcação de salas**, ponderando fatores como a sua proximidade ou facilidade de acesso às saídas para a rua (por norma os(as) estudantes que se desloquem em cadeira de rodas devem ter aulas apenas nos pisos que permitam acesso direto às saídas dos edifícios, pense por exemplo, no caso de haver um incêndio).

Estes(as) estudantes poderão ter **dificuldades** em:

- Realizar uma determinada tarefa no tempo estipulado para a maioria dos(as) colegas;
- Escrever de forma convencional;
- Manusear documentação;
- Participar em aulas práticas que impliquem alguma mobilidade específica;
- Manter elevados níveis de concentração nas aulas (devido ao cansaço decorrente de posturas rígidas);
- Tirar apontamentos ao ritmo da aula.

Na comunicação:

Falar sempre para o(a) estudante e não para o(a) acompanhante;

Sentar-se ao mesmo nível do(a) estudante quando falar com ele/a;

Pendurar ou inclinar-se na cadeira de rodas de uma pessoa é comparável ao pendurar-se ou inclinar-se sobre a pessoa. A menos que seja amigo(a) íntimo da pessoa, isto não é apropriado;

Perguntar ao/à estudante se **necessita de apoio** antes de começar a empurrar a cadeira de rodas;

Avançar com prudência sempre que conduzir uma cadeira de rodas;

Não evitar usar palavras como **"andar"** ou **"correr"**. As pessoas com incapacidade motora também as usam;

Evitar antecipar as respostas do(a) estudante ou responder por ele/a. Respeitar o ritmo de expressão individual;

Pedir para repetir quando não tiver percebido o que o(a) estudante lhe disse. Se mesmo assim não entender peça para escrever.

Em sala de aula:

Ser **flexível com a pontualidade**;

Assegurar um lugar perto do(a) docente ou no final de uma fila, perto das portas;

Facultar antecipadamente apontamentos e/ou informação bibliográfica, facilitando assim a redação/síntese da aula;

Facilitar a gravação áudio das aulas assim como o uso do computador;

Facilitar o uso de **correio eletrónico** para fornecer ao/à estudante informações de notas, bibliografia, apontamentos, etc.

c) Estratégias na avaliação:

Permitir que o(a) estudante complete as tarefas, se necessário facultando **tempo adicional** principalmente nas apresentações orais e exames.

Permitir a **alteração da avaliação escrita pela oral** quando a expressão oral for mais fácil que a escrita.

Permitir o **uso de ajudas de comunicação**. Quando o(a) estudante usa um sistema de comunicação aumentativa ou alternativa é conveniente familiarizar-se com o sistema para obter uma comunicação de qualidade.

Fazer **perguntas curtas ou objetivas**.

d) Sítios de interesse:

Associação Portuguesa de Deficientes (<http://www.apd.org.pt>)

Associação Salvador (<http://www.associacaosalvador.com>)

Instituto Nacional de Reabilitação (<http://www.inr.pt/>)

Vem Vencer (<https://www.vemvencer.pt/>)

II. Incapacidade Visual

a) Características e Condicionamentos

A incapacidade visual resulta de um dano do sistema visual parcial ou global podendo variar quanto às suas causas (traumatismo, doença, malformação, deficiente nutrição) e/ou natureza (congénita, adquirida ou hereditária), traduzindo-se numa redução ou numa perda de capacidade para realizar tarefas visuais (ler, reconhecer rostos) (Pereira, 2008).

Segundo a OMS, a deficiência visual engloba duas grandes categorias: a Cegueira e a Ambliopia. Neste sentido, podemos considerar uma pessoa cega como sendo aquela que não possui potencial visual, mas que pode, por vezes, ter uma perceção da luminosidade.

A ambliopia, também conhecida por baixa-visão, significa uma reduzida capacidade visual - qualquer que seja a origem - e que não melhora através de correção ótica.

Os(as) estudantes com deficiência visual podem necessitar de um cão-guia, terem baixa visão periférica, fotossensibilidade ou visão dupla. Estas dificuldades podem não estar muitas vezes visíveis para os(as) observadores(as).

b) Estratégias de Intervenção

Na comunicação:

Usar palavras naturais, como ver, olhar. Essas palavras fazem parte do vocabulário da pessoa com incapacidade visual e, como qualquer outra, usam-nas para expressar sua maneira de ver.

Usar referências espaciais como "aqui", "lá", não têm significado para o(a) cego(a). Deverão ser substituídas por **referências verbais mais específicas**, como: "à sua direita", "à sua frente", "em cima", etc.

Identificar-se ao/à estudante quando se dirigir ao/à mesmo(a).

Notificar quando sair ou quando se afastar.

Em sala de aula:

Se trabalhar em *braille*, assegure que o(a) estudante tem um espaço na sala de aula (estante, mesa grande) para colocar o seu material;

Posicionar o(a) estudante num local com o **melhor acesso visual e/ou auditivo**, geralmente na primeira fila.

Entrar em contacto com o(a) estudante para conhecer as suas necessidades específicas e desenvolver uma metodologia na sala de aula que favoreça a sua participação na dinâmica da mesma;

Dar **explicações descritivas e muito específicas** sobre o que se está a passar na sala de aula. Por exemplo: diga em voz alta o que está escrito no quadro, ou o que aparece nos diferentes tipos de suporte visual (*powerpoints*, vídeos);

Dar **mais tempo** na realização de tarefas

Explicar os passos a serem seguidos para a execução de um trabalho, e se for possível mostrar um já concluído para que o(a) estudante saiba o que é suposto fazer;

Ler em voz alta enquanto escreve no quadro;

Alertar o(a) estudante sempre que ocorram **mudanças** na disposição da sala de aula;

Escrever com uma **cor que contraste** com a cor do quadro (ex.: branco/preto);

Evitar posicionar-se em **frente da janela**;

Permitir que o(a) estudante faça uma **pausa**;

Alternar as tarefas que exigem maior esforço visual com tarefas não visuais;

Permitir a utilização de **portáteis com auscultadores**, pois torna o registo de apontamentos mais eficiente;

Disponibilizar antecipadamente e num formato acessível (*braille* ou formato digital acessível – convertendo os *Powerpoints* em *Word* e evitando a utilização de tabelas e gráficos) todo o material bibliográfico e utilizado em sala de aula, nomeadamente os *Powerpoints* e fichas. **Pode ser pedida ajuda aos SID para adaptação dos materiais.**

Permitir que o(a) estudante **grave as aulas**.

c) Estratégias na avaliação

Dar **mais tempo** para a realização dos testes/exames;

Permitir o uso de **computador portátil e Software** específico para a realização do exame;

Fazer **pausas ou dividir** a avaliação para evitar cansaço extremo;

Realizar preferencialmente **avaliação oral** em vez da escrita.

Adaptar os enunciados de exame quando necessário.

d) Sítios de interesse:

ACAPO (<http://www.acapo.pt>)

European Union of the Blind (<http://www.euroblind.org>)

III. Incapacidade Auditiva

a) Características e Condicionamentos

A deficiência auditiva (perda auditiva leve a profunda) é um estado de limitação na comunicação ou linguagem como expressão linguística e de pensamento.

A deficiência auditiva consiste na perda parcial ou total da capacidade de ouvir. É considerado surdo todo o indivíduo cuja audição não é funcional no dia-a-dia; é considerado parcialmente surdo aquele/a cuja capacidade de ouvir, ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva (Neves, 2007; Bispo, Clara & Clara, 2009; Paul, Trezek & Wang, 2009; Francisco & Neves, 2010). Denomina-se de surda a pessoa que para além da perda auditiva, possui uma cultura, uma identidade e uma língua própria, a Língua Gestual Portuguesa.

Graus incapacidade auditiva

Leve (20-40 dBs)	Moderada (40-70 dBs)	Grave (70-90 dBs)	Profunda (+90 dBs)
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento das palavras através da audição, embora existam alguns fonemas consonânticos que não são identificados com total clareza, o que pode causar algumas dificuldades de articulação. • Dificuldades acrescidas com vozes baixas, distância, locais ruidosos e uso de palavras raras. 	<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade que se fale mais alto para poder perceber a mensagem com clareza. • Problemas articulatorios, pois existem muitos sons consoantes que não são percebidos claramente. • Uso de aparelhos auditivos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Grande dificuldade em entender as palavras. • Muitos sons não são percebidos • Discurso monótono, mal compreendido e com um atraso significativo na linguagem. • Os aparelhos auditivos são muito importantes porque, através deles, podem desenvolver linguagem oral. • Uso da leitura labial para compensar o que é ouvido. 	<ul style="list-style-type: none"> • Só percebem ruídos muito intensos e alguns deles devido ao componente vibratório. • Não conseguem perceber as palavras e não desenvolveram a linguagem oral de forma natural.

Tabela 4 - Graus de incapacidade auditiva

De uma forma geral podemos dizer que dependendo do grau de perda auditiva, o(a) estudante pode perder interações rápidas, sofrer fadiga ao ouvir, perder 50% ou mais da discussão em aula, ter problemas para suprimir o ruído de fundo, ter défices de articulação, vocabulário limitado ou perturbação da aprendizagem, pode ter uma voz monotónica, linguagem e habilidades de sintaxe retardadas (o que afeta a leitura e a escrita) e redução da inteligibilidade da fala. Alguns indivíduos com incapacidade auditiva usam a língua gestual para comunicar, mas a maioria conta com a leitura labial, com a fala, aparelhos auditivos ou qualquer combinação facilitadora da comunicação oral.

É muito importante estar ciente das graves implicações que implica uma perda auditiva profunda no desenvolvimento geral do indivíduo. Uma pessoa que nasceu com uma perda auditiva profunda ou que perde o ouvir antes de desenvolver a linguagem, terá o seu desenvolvimento linguístico, cognitivo, afetivo e social afetado. Ouvir é um sistema de contacto contínuo com o meio ambiente, é fonte de informação e possibilita o desenvolvimento da linguagem oral que, por sua vez, é instrumento de desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Estes(as) estudantes poderão ter **dificuldades**:

- **Na leitura e na escrita:** Falta de conhecimento do vocabulário técnico; Dificuldade em entender conceitos abstratos e em compreender enunciados; Erros na expressão escrita: problemas de coordenação e estruturação de frases e problemas na conjugação de verbos;
- **Dificuldades de comportamento:** Flexibilidade do pensamento e uma maior suscetibilidade.

b) Estratégias de Intervenção

Nas atividades em Grupo, como discussões ou debates:

Grupos de trabalho com poucas pessoas.

Certifique-se de que há **boa iluminação** no espaço de trabalho e organize o grupo em semicírculo para que todos se vejam bem e o estudante possa fazer leitura labial.

Garanta que a sessão é **bem moderada**. Peça a todos os(as) estudantes que indiquem (ex. levantando a mão) quando quiserem participar na conversa de maneira a que o(a) estudante possa saber antecipadamente quem vai falar.

Utilize **materiais visuais de apoio** com os principais assuntos/tópicos da discussão (ex. quadro, *Powerpoint*). Peça a alguém para redigir uma ata/resumo dos assuntos tratados.

Sempre que possível certifique-se de que o espaço de trabalho tem boa acústica para que haja menos interferência sonora.

Evite salas perto de zonas interiores/exteriores ruidosas (ex: refeitório, entradas/saídas).

Estimule a interação. O(A) estudante tem algo a dizer (de forma oral ou gestual) precisa apenas de mais tempo e que também os outros se adaptem à sua forma de comunicar.

**Na comunicação:**

Inicie a conversação acenando ou tocando levemente no ombro ou braço.

Fique de frente para o(a) estudante para permitir a leitura labial. Exagerar os movimentos dos lábios torna mais difícil a leitura dos mesmos.

Use a **linguagem corporal** para ajudar à leitura labial.

Seja **paciente e casual**. Peça para **repetir** ou esclarecer se o discurso da pessoa for difícil de entender. Não diga que entende quando realmente não entendeu.;

Se o(a) estudante não o entender: **Repita** o que disse mas usando outras palavras. **Vá dando pistas** sobre o contexto dos assuntos de que está a falar. Se sentir que a comunicação não flui, **auxilie-se da escrita**.

Fale de forma **clara e distinta**. Desacelere o ritmo da conversa. Fale com um **tom de voz normal**. Se lhe for pedido que fale mais alto, **não grite**. Tal será irritante para quem ouve, irá distorcer o som e alterar a configuração labial.

Linguagem metafórica, frases idiomáticas e piadas podem ser confusas particularmente se não pertencerem ao contexto do assunto de que se fala.

Não cubra a boca, mastigue, fume nem se afaste.

Evite ficar na frente de uma **fonte de luz**. Coloque-se num local e posição em que o seu rosto esteja **à vista e bem iluminado**.

Na presença de um intérprete de Língua Gestual:

- Dirija os seus comentários, **conversas e perguntas ao/à estudante** e não ao intérprete de Língua Gestual;

- O papel do intérprete é apenas **facilitar a comunicação**, não é participar. É da responsabilidade do(a) estudante (e não do intérprete) pedir clarificação caso não entenda o(a) docente.

- Fale ao ritmo habitual. O intérprete pedirá que abrande, pare ou repita, caso seja necessário.

- Tente estruturar a sua sessão de forma a ter uma pequena **pausa a meio**. A interpretação gestual é muito exigente e os intérpretes precisarão de uma pausa após 30 minutos, se estiverem a trabalhar de forma contínua.

- O intérprete precisará de preparar a sessão de trabalho e deverá receber antecipadamente apontamentos e apresentações considerados relevantes.

Em sala de aula:

Forneça as **regras de sala de aula** oralmente e por escrito, bem como os **requisitos e critérios** de avaliação dos trabalhos.

Situe o estudante na sala de aula de forma a que ele possa perceber melhor por meio da prótese e/ou da leitura de lábios.

Reduza o ruído ambiental.

Certifique-se de que está a **olhar para o(a) estudante** quando faz uma pergunta. **Evite andar** pela sala enquanto fala.

Dê com antecedência os materiais que irão ser trabalhados na aula ou informe onde pode encontrar informações sobre o que vai ser explicado.

No início da aula **apresente a estrutura a seguir** (ex. tópicos no quadro). Retome-a ao longo da aula para ajudar o(a) estudante a seguir os assuntos de forma lógica.

Escreva qualquer aviso que queira dar ex.: horários de atendimento, data de testes, alterações de horários/salas).

Forneça um **glossário** do vocabulário específico/técnico novo ou escreva os termos novos no quadro. Torna-se impossível fazer leitura labial de palavras desconhecidas e esta é uma realidade especialmente presente no ensino superior.

Ao fazer as explicações no quadro, é melhor **escrever primeiro** e depois explicar para que o(a) estudante surdo esteja situado o tempo todo. O estudante não vai conseguir ler-lhe os lábios quando estiver virado para o quadro.

No caso de haver dois docentes na mesma sala de aula, **não fale ao mesmo tempo** para que as duas pessoas possam ser interpretadas.

Repita as perguntas dos colegas pois o(a) estudante com surdez pode não ter percebido que alguém fez uma pergunta.

Quando os vídeos são usados na aula, estes devem ser **legendados**, caso contrário, tente fornecer um guião com as informações relevantes.

Invista na memória visual do estudante, complementando a sua exposição oral com imagens, gráficos, esquemas, formas, cores, etc.

Dê **tempo extra** ao estudante para processar a informação (particularmente ao tratar conceitos novos ou importantes).

c) Estratégias na avaliação

O processo de avaliação deve garantir a **adoção de medidas específicas** que permitam aos/às estudantes surdos(as) comprovar os seus conhecimentos, sem que as barreiras de comunicação os afetem.

Expanda o tempo de conclusão do exame.

Evite utilizar frases longas e complexas. **Divida a frase** em várias partes mais simples.

Certifique-se de que a questão é colocada de forma concisa e clara. Evite juntar múltiplas questões numa mesma pergunta.

Se possível, **enumere as diferentes questões** a serem abordadas numa resposta longa/livre.

Estimule a criação/utilização de esquemas conceituais para organizar respostas de desenvolvimento.

Indique de forma clara a extensão da resposta que se pretende.

Evite utilizar estratégias de pergunta a completar por escolha múltipla. Exige que se mantenha a primeira parte em memória para completar a ideia. Esta é uma tarefa muito difícil para o(a) estudante surdo, que tem uma memória curta pouco desenvolvida.

d) Sítios de interesse:

Portal do Cidadão Surdo (<http://www.portaldocidadaosurdo.pt>)

Federação Portuguesa das Associações de Surdos (<http://www.fpasurdos.pt>)

Aprendendo com Gestos (<http://www.spreadthedesign.com/pt/>)

IV. Perturbações da Aprendizagem Específica (dislexia, disortografia, disgrafia e discalculia)

a) Características e Condicionamentos

A perturbação da aprendizagem específica (PAE) é um transtorno do neurodesenvolvimento com origem biológica. Esta inclui uma interação de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais que influenciam a capacidade do cérebro para perceber ou processar informações verbais ou não verbais com eficiência e exatidão.

Segundo o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders 5* (DSM5), uma característica essencial das PAE são dificuldades persistentes para aprender habilidades escolares fundamentais (Critério A), com início durante os anos de escolarização formal (i.e., o período do desenvolvimento). Habilidades escolares básicas incluem leitura exata e fluente de palavras isoladas, compreensão da leitura, expressão escrita e ortografia, cálculos aritméticos e raciocínio matemático (solução de problemas matemáticos).

As PAE perturbam o padrão normal de aprendizagem de habilidades escolares; não constituem, simplesmente, uma consequência de falta de oportunidade de aprendizagem ou educação escolar inadequada. São perturbações de carácter permanente e prolongado. Assim sendo, temos:

Dislexia - termo alternativo para o padrão de dificuldades de aprendizagem caracterizado por problemas no reconhecimento preciso ou fluente de palavras, problemas de descodificação e dificuldades de ortografia. Esta é uma das manifestações mais comuns da perturbação da aprendizagem específica.

Discalculia - termo alternativo para o padrão de dificuldades caracterizado por problemas no processamento de informações numéricas, aprendizagem de fatos aritméticos e realização de cálculos precisos ou fluentes.

Disortografia – envolve a formulação e codificação da escrita (i.e. os processos cognitivos subjacentes à composição de textos e os erros ortográficos.)

Disgrafia – Alteração funcional na componente motora do ato de escrever que afeta a qualidade da escrita.

Estudantes com PAE podem apresentar inúmeras dificuldades de processamento integrativo, como orientação espacial, habilidades preceptivo-motor, memória,

motricidade, distúrbios de fala/ linguagem e sequenciação. Podem também apresentar sinais neurológicos ou sinais/ sintomas de défice de atenção, como desatenção, impulsividade, hiperatividade e labilidade emocional. Estas perturbações são invisíveis e podem prejudicar as interações sociais dos(as) estudantes e a confiança nas atividades escolares.

No contexto do ensino superior a dislexia é a necessidade específica mais frequente, exigindo das instituições uma atenção particular (*Heiman & Precel, 2003; Mortimore & Crozier, 2006*). A pessoa com dislexia consegue atingir os mesmos resultados que os(as) outros(as) estudantes, mas terá de recorrer a metodologias diferenciadas, que compensem as suas dificuldades.

As dificuldades apresentadas de seguida podem não se manifestar em todas as pessoas com dislexia. No entanto, serão algumas das dificuldades a ter em conta quando se procura identificar um quadro de dislexia.

No geral, **os(as) estudantes com dislexia apresentam:**

- reduzida velocidade de leitura;
- má soletração fonética;
- pobreza na ortografia;
- dificuldades na numeracia;
- maiores dificuldades na aquisição de competências de estudo;
- dificuldade em tirar apontamentos, escrever trabalhos, fazer revisões para momentos de avaliação ou compreender grandes quantidades de texto complexo;
- baixa autoconfiança e autoestima;
- elevados níveis de frustração que condicionam o desempenho escolar;
- maiores níveis de ansiedade;
- sentimentos de incompetência académica e escrita;
- dificuldades na organização;
- dificuldade em seguir instruções;
- dificuldade na orientação espacial – esquerda/direita; cima/baixo;
- dificuldade na concentração.

Especificamente os(as) estudantes com dificuldades na:

1. Escrita têm:

- Letra de difícil compreensão;

- Falta de coerência na apresentação das ideias;
- Uso pobre da pontuação;
- Uso incorreto de formas verbais;
- Uso limitado do léxico verbal;
- Soletração bizarra de palavras comuns;
- Troca de letras (b por d ou p por q);
- Confusão com letras com o mesmo som (s por z);
- Incapacidade para ver erros, mesmo em programas com correção de texto.

2. Leitura têm:

- Dificuldade em reconhecer e relembrar sons de palavras;
- Substituem as palavras por outras semelhantes quando leem alto (confusão semântica);
- Incapacidade em ler “na diagonal” um texto;
- Velocidade de leitura reduzida;
- Dificuldade com a sequência do alfabeto;

A dislexia poderá ter consequências na progressão, realização e conclusão do ensino superior, mas não é incompatível com um elevado nível de sucesso, desde que suportada por uma intervenção ajustada. A maioria dos estudantes com PAE não necessita de adaptações curriculares, mas beneficia de algumas estratégias em sala de aula.

“As PAE não comprometem o potencial para aprender; em vez disso elas comprometem o processo de aprendizagem” (Rose, 1993).

b) Estratégias de Intervenção

Na Comunicação:

Reconheça que as dificuldades de aprendizagem são muitas vezes uma deficiência invisível.

Forneça a oportunidade para o(a) estudante **discutir** as suas necessidades e modos preferidos de aprendizagem.

Em sala de aula:

Deve ser muito claro que o problema não está condicionado por uma falta de motivação ou preguiça, nem por um baixo nível de inteligência, mas por um transtorno biológico.

Seja **flexível, criativo** e **adaptativo** com recursos.

O(A) estudante deve sentar-se nas **filas da frente**, perto do professor.

Escreva os **novos termos** e **pontos-chave** no quadro.

Esquematize o conteúdo dos temas complexos e exemplifique as informações de forma a simplificar a linguagem textual;

Atribua tarefas em **formato oral** e **escrito** para evitar confusão.

Estudantes com **dificuldades de linguagem escrita** podem beneficiar do uso de um processador de texto ou máquina de escrever para tarefas escritas, tempo prolongado ou **aulas gravadas**.

Estudantes com **dificuldades de processamento visual ou de leitura**:

- Podem beneficiar de materiais de aula gravados, tempo prolongado, uso de equipamentos adaptáveis na biblioteca, várias apresentações de material visual e formatos de teste alternativos.
- Ajude a **selecionar livros** e textos centrais da bibliografia;
- Sempre que forem apresentados conceitos técnicos e específicos poderá ser importante a redação de um **glossário**;
- O suporte na "leitura estratégica" poderá ser também muito útil, ajudando a aprender a selecionar informação e a **definir objetivos para a leitura**;
- Evite **pedir para ler em voz alta**.

Pergunte se entendeu o material escrito.

Dê mais tempo para terminar as suas tarefas.

Disponibilize os apontamentos / apresentações / sebatas antecipadamente. Tal facilitará a tomada de apontamentos. Caso não seja possível, poderá ser útil fazer-se um pequeno **resumo** do que se irá tratar durante a aula.

As apresentações em *Powerpoint* deverão ter um espaçamento duplo entre frases, letra não cursiva, de traçado simples, destacar frases ou palavras importantes e cada diapositivo deverá conter **informação clara e concisa**.

c) Estratégias na avaliação

Forneça previamente as questões de estudo para exames que ilustram o formato de teste, bem como o conteúdo do mesmo. Explique o que constitui uma boa resposta e porquê.

Valorize o conteúdo em detrimento da forma, sendo que o(a) estudante não deve ser penalizado(a) na classificação final (exceto se se tratar de uma competência básica da UC);

Evite **comentários depreciativos** acerca das competências de escrita dos(as) estudantes com dislexia (a maior parte tem consciência das suas dificuldades e sentem-se frustrados(as) quando recebem *feedbacks* pouco construtivos);

Sempre que possível, as avaliações devem ser feitas **oralmente**.

Dê **mais tempo** para os exames ou testes.

Poderá ser benéfico que o(a) docente que vigia os momentos de avaliação escrita **leia as perguntas em voz alta** ou ajude na compreensão das mesmas quando solicitado.

Alguns estudantes poderão beneficiar com a utilização de um **computador** durante o exame e, conseqüentemente, poderá ser necessária a utilização de *software* específico.

Permita ou negocie pequenas adaptações nas tarefas académicas, por exemplo, permitindo que a apresentação do trabalho seja realizada **em vídeo** (substituindo a versão escrita).

d) Sítios de interesse:

Associação Portuguesa de Dislexia (<http://www.dislex.co.pt>)

The International Dyslexia (<http://www.interdys.org/>)

V. Perturbação do Espectro do Autismo (PEA)

a) Características e Condicionamentos

De uma forma global podemos afirmar que a PEA é uma perturbação neurobiológica que afeta a forma como o cérebro processa a informação.

Segundo a DSM5, as características essenciais do transtorno do espectro autista são o prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D).

Manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica; daí o uso do termo *espectro*. O transtorno do espectro autista engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo de alto funcionamento e transtorno de Asperger, entre outros.

Algumas das dificuldades que pessoas com PEA podem apresentar:

- Dificuldade na comunicação;
- Dificuldade no relacionamento social;
- Dificuldade no pensamento abstrato;
- Interesses limitados e intensos;
- Comportamentos rotineiros;
- Peculiaridade do discurso e da linguagem como repetições ou estereotípias;
- Perturbação na comunicação não verbal;
- Descoordenação motora.

O(A) estudante com PEA pode ter um vocabulário sofisticado e falar incessantemente sobre o seu assunto favorito, tendo dificuldade em mudar para um outro tema de conversa ou em manter interesse na partilha de experiências do outro. Pode ter dificuldade com as regras da conversação, desconhecendo algumas das regras implícitas no contacto social e não estabelecendo o contacto visual com o outro. Pode interromper ou falar em sobreposição, fazer comentários irrelevantes, tendo muita dificuldade em iniciar e terminar as conversas.

Tem geralmente dificuldades em interagir com os outros e pode-se comportar estranhamente em situações sociais. O seu discurso é normalmente monótono, não aplicando corretamente a prosódia. Também a sua postura física e a interpretação que faz do discurso verbal do outro é, frequentemente, inadequada (*Attwood, 1998*).

É normalmente bastante dependente das rotinas e muito sensível a mudanças no seu meio ambiente.

É necessário ter alguma atenção em relação ao/à estudante com PEA, que também pode apresentar algumas das **seguintes características**:

- Surtos de raiva (física ou verbal);
- Agitação motora;
- Aumento de atividades obsessivas ou repetitivas;
- Apatia ou inatividade;
- Comportamento ou ideias bizarras;
- Maior dificuldade em deslocar-se;
- Isolamento.

b) Estratégias de intervenção

Diminua o ruído de fundo da sala de aula.

Dê **mais tempo** para tirar apontamentos e notas sobre a matéria.

Explique qual a melhor altura para colocar questões, **corrigindo a postura**, sem se mostrar à defesa ou crítico(a) em relação à atitude do(a) estudante.

Recorra a uma comunicação clara e objetiva **evitando a utilização de metáforas ou ironia**.

Exponha concretamente os objetivos, procedimentos e prazos relacionados com as atividades curriculares.

Indique detalhadamente a matéria a ser estudada.

Se o(a) estudante estiver muito ansioso(a), tente **distraí-lo com outros temas** ou **informá-lo(a) sobre o que se está a passar** ou vai passar.

Pode ser necessário recorrer a formas alternativas de apresentação de trabalhos se o(a) estudante não for capaz de fazer apresentações orais.

Avise antecipadamente sobre quaisquer alterações na Unidade Curricular evitando quebrar rotinas.

Em situações de agitação ou de agressividade, **não responda agressivamente** e espere ou tente acalmar o(a) estudante.

Nos casos em que não é possível chegar a consenso com o(a) estudante sobre a necessidade de modificar o seu comportamento, pode ser útil obter apenas a concordância do(a) estudante em não repetir o comportamento indevido.

Não optar por uma atitude de confronto. Manter a calma e a segurança é essencial para manter o(a) estudante também calmo e seguro.

Evite, o mais possível, ser condescendente ou protetor, ou manter uma relação demasiado próxima e paternal.

c) Estratégias para situações de crise

1. Procurar a segurança

- a. Ter a certeza que a pessoa está segura e não se pode aleijar ou causar danos a outros.
- b. Não permitir que se deite num ponto de saída.
- c. Não prender a pessoa, deixando-a ter a possibilidade de sair.
- d. Não perseguir o(a) estudante, caso este saia e segui-lo(a) à distância.

2. Acalmar

- a. É essencial manter a calma, para que o(a) estudante se sinta calmo(a).
- b. Ter consciência que a crise irá passar, mais tarde ou mais cedo.

3. Procurar o silêncio

- a. Falar apenas o indispensável.
- b. Não questionar o(a) estudante.
- c. Caso fale, mantenha um tom de voz calmo e neutral.

4. Diminuir a intensidade

- a. Aceitar a crise e dar tempo à pessoa para recuperar.
- b. Não olhar para o relógio nem a apressar.

5. Restabelecer o autocontrolo da pessoa

- a. Assim que a crise passar, dar oportunidade à pessoa para explicar o que aconteceu, sem a pressionar.
- b. Dar-lhe espaço para respirar e descansar.

Algumas qualidades e aspetos positivos:

- Tendem a ser pessoas muito nobres e dizer, a cada momento, o que pensam;
- Quando o trabalho corresponde aos seus interesses e tem uma baixa exigência social, o sucesso profissional geralmente é garantido;
- Tendem a ser perfeccionistas quando realizam qualquer tarefa;
- Têm capacidade de armazenar grande quantidade de informação,
- Tendem a ser mais eficientes no trabalho técnico (informática, matemática, fotografia, administração, etc.).
- Quando os objetivos estão claramente definidos, são geralmente persistentes na realização dos mesmos.

d) Sítios de interesse:

Associação Portuguesa de Síndrome de Asperger (<http://www.apd.org.pt>)

Federação Portuguesa de Autismo (<http://www.fpda.pt/autismo>)

VI. Condições de Saúde Mental

a) Características e Condicionamentos

Dados recentes apontam para um valor superior a 20% de estudantes do Ensino Superior que apresentam condições de saúde mental que podem interferir com o seu percurso académico.

Cada condição mental é conceptualizada como um comportamento significativo ou síndrome psicológico ou padrão que ocorre num indivíduo e que está associado a mal-estar atual (sintoma doloroso) ou incapacidade (numa ou mais áreas importantes do funcionamento) ou a um risco acrescido de morte, sofrimento, incapacidade ou a uma importante perda de liberdade (APA, 2002).

Os problemas de saúde mental poderão implicar perturbações do pensamento, da estabilidade emocional e/ou do comportamento. Estas condições são causadas por interações complexas entre diversas variáveis sociais, psicológicas, culturais, físicas e biológicas.

Assim sendo, pessoas com condições psicológicas podem apresentar limitações na sua capacidade de gerir o seu dia-a-dia, de forma autónoma e eficaz. Estas podem ser de carácter permanente e outras de natureza mais transitória. Para a atribuição do estatuto de estudante com NEE, é importante definir adequadamente a condição e as suas consequências.

Os critérios utilizados para definir as condições que poderão dar direito a este estatuto são:

- A gravidade das consequências na:
 - autonomia da pessoa
 - capacidade de aprendizagem
- A duração das consequências no dia-a-dia da pessoa.

Os(as) estudantes com condições psicológicas podem experimentar várias dificuldades, incluindo: problemas de concentração, afeto inapropriado, habilidades sociais precárias, controle de impulsos e/ou ansiedade excessiva. Embora esses(as) estudantes possam funcionar adequadamente no dia-a-dia, o impacto na sua aprendizagem é frequentemente observado em défices de memória de curto prazo, desempenho académico inconsistente e ausências excessivas devido a hospitalizações ou mudanças de medicação.

As condições mais comuns encontradas nos(as) estudantes do ensino superior são: Depressão, Ansiedade, e as Perturbações Obsessivo-compulsivas

b) Estratégias de intervenção

Descarte estereótipos, focando a pessoa com as suas características individuais.

Ajude e oriente **nas suas escolhas** e na tomada de decisões.

Atribua tarefas que apontem para os pontos fortes, isso aumentará a sua segurança e resultados.

Forneça notas e materiais académicos específicos de uma maneira estruturada e antecipadamente, com as instruções necessárias.

Respeite a privacidade do(a) estudante sobre sua doença.

Flexibilize os prazos de entrega.

Pode ser necessário **tornar os momentos de avaliação mais flexíveis**, desde que justificados.

Na avaliação do conhecimento aprendido pelo(a) estudante, sempre que possível, use as mesmas técnicas de exame usadas com os seus pares. Se tal não for possível, execute o teste de acordo com as capacidades pessoais do estudante, através de avaliações contínuas, exames orais, trabalhos complementares, etc.

Deve-se ter em conta, que os sintomas de algumas doenças, assim como os efeitos colaterais da medicação, podem causar uma diminuição significativa no desempenho dos(as) estudantes.

VII. Condições médicas

a) Características e Condicionalismos

Os(as) estudantes podem experimentar problemas de saúde crónicos que limitam significativamente as atividades de vida diárias. Ter um problema de saúde crónico não é necessariamente incapacitante, o impacto da condição, como hospitalizações, efeitos de medicação, etc. pode limitar o indivíduo dentro do ambiente académico.

Os efeitos secundários que podem afetar negativamente o desempenho académico incluem: fadiga, perda de memória, sonolência, perda de concentração, euforia, confusão mental e ausências excessivas. São exemplos destas condições: asma, lúpus, cancro, HIV / AIDS, dor crónica, fibrose cística, artrite, epilepsia, diabetes, sequelas de cirurgias e doença de Crohn.

b) Estratégias de Intervenção

Forneça os materiais da aula antes da mesma ou uma breve revisão do que foi dito na aula passada para ajudar na possível redução de concentração.

Seja **flexível com a assiduidade** e com os tempos de entrega de trabalhos.

Por causa da redução potencial de energia, os(as) estudantes poderão ter de demonstrar os seus conhecimentos através de uma série de **testes curtos**, em vez de apenas uma ou duas avaliações ao longo do semestre.

Divida as avaliações de forma a permitir períodos de pausa.

Alternativas de teste apropriadas podem incluir um local de teste sem distração e/ ou tempo prolongado.

Permita que o(a) estudante saia da sala de exame para tomar medicação ou outra situação resultante da doença.

8. Como produzir documentos acessíveis?

A plataforma de acessibilidade [PLACES](#) possui um conjunto de “Tutoriais para tornar a tarefa de produção e disponibilização de informação mais ágil e rápida para quem produz, e mais acessível para quem quer aceder e consultar essa informação”. Tendo em vista um *design* que se quer cada vez mais universal, os tutoriais da plataforma abrangem a criação de documentos digitais acessíveis formatados em *Word 2010*, *PowerPoint 2010* e formato HTML para utilização na *Web*. Através dela, os(as) docentes poderão tornar os seus documentos e apresentações acessíveis beneficiando todos os estudantes.

Algumas diretrizes gerais (deverá consultar os tutoriais da PLACES para mais informação):

Word 2010

Na escolha do **tipo de letra**:

- Evite tamanhos inferiores a 10 pontos;
- Utilize um tipo de letra que seja bem legível (ex.: Arial, Verdana, Calibri);
- Procure um bom contraste entre a cor da letra e a cor do fundo. A utilização de cores claras ou muito claras pode dificultar a capacidade de visualização do texto por parte de alguns utilizadores;
- Espaçamento entre linhas - 1,5; Entre parágrafos – mínimo 1,5 vezes maior do que o espaçamento entre linhas.

Para **destacar texto**:

- Evite o sublinhado e o itálico. Em vez disso utilize o negrito;
- Evite usar apenas a cor.

Para **alinhar o texto**:

- Deve ser feito à esquerda.

Cabeçalhos e títulos:

- A marcação dos conteúdos deve pautar-se sempre pelo significado estrutural dos seus elementos: cabeçalhos, parágrafos, listas, tabelas.
- Utilize sempre um estilo de cabeçalho para os títulos.

Imagens/elementos gráficos:

- Todas as imagens deverão ter um texto alternativo não sendo necessário ser visualizado com a imagem para fazer sentido;
- Incluir sempre uma legenda para cada imagem;

Hiperligações:

- O texto da hiperligação deve ser claro quanto ao destino a que a mesma está ligada;
- Evitar a utilização do próprio endereço URL como texto da hiperligação.
- Evitar o uso de texto não compreensível fora do contexto, como: “clique aqui”, “aqui” ou “ver mais”.

Tabelas:

- Devem ser usadas apenas para estruturar dados.
- Deve ser respeitada a ordem lógica de leitura, da esquerda para a direita, de cima para baixo.
- As linhas de cabeçalhos devem estar assinaladas como tal.
- Nos casos em que a tabela ocupe mais do que uma página, os cabeçalhos serão sempre repetidos para dar contexto.

Conversão para PDF:

- Antes de gravar os ficheiros *Word* em PDF, deve obedecer à marcação dos diversos objetos como cabeçalhos, parágrafos, imagens, tabelas ou listas. Ao guardar um documento *Word* em formato PDF, a marcação dos diferentes objetos também é guardada. Desta forma, qualquer tecnologia de apoio consegue passar ao utilizador não só o texto, mas também o seu significado no documento.

Por exemplo, um utilizador de um leitor de ecrã vai poder solicitar à sua tecnologia que navegue no documento saltando pelos cabeçalhos, ou que passe para o próximo parágrafo, ou que diga a que corresponde um determinado número que se encontra na célula de uma tabela de dados.

- Para preservar a marcação deverá fazer da seguinte forma:
 1. Clique no separador **Ficheiro** e escolha a opção **Guardar Como**;
 2. Clique no campo **Guardar como tipo** e seleccione **PDF**;

3. Clique no botão **Opções**;
4. Verifique se estão selecionadas as seguintes opções:
 - a. **Criar marcadores utilizando: Títulos**;
 - b. **Propriedades do documento**;
 - c. **Tags de estrutura do documento para acessibilidade**.
5. Clique no botão **OK** e em seguida em **Guardar**.

PowerPoint 2010

Diapositivos:

- Utilizar modelos de apresentação de diapositivos padrão e simples disponíveis no programa;
- Faça contraste entre fundo e texto e não utilize imagens como fundo da apresentação;
- Use fontes sem serifa (exemplo: Arial, Verdana) e superiores a 22 pontos;
- Apresente texto alternativo para elementos gráficos utilizados;
- Apresente transcrição textual para conteúdos áudio e vídeo facultados nas apresentações;
- Evite imagens de texto.

Conversão de *PowerPoint* para PDF:

Se seguiu as recomendações para a criação de documentos *Powerpoint* acessíveis descritas em cima, pode converter o documento para PDF da seguinte forma:

- a. Clique no separador **Ficheiro** e escolha a opção **Guardar Como**;
- b. Clique no campo **Guardar com o tipo** e selecione **PDF**;
- c. Clique no botão **Opções**;
- d. Verifique se estão selecionadas as seguintes opções: **Propriedades do documento** e **Tags de estrutura do documento para acessibilidade**;
- e. Clique no botão **OK** e em **Guardar**.

Verificador de Acessibilidade Office 2010

Para verificar a implementação dos critérios de acessibilidade pode utilizar o Verificador de Acessibilidade existente no *Microsoft Word* 2010, no *Microsoft Excel* 2010 e no *Microsoft PowerPoint* 2010. O validador identifica os problemas de acessibilidade e fornece pistas de correção.

Execute o procedimento, sequencialmente, pela ordem que se segue:

- a. Vá ao separador **Ficheiro**;
- b. **Em Informações**;
- c. **Escolha, Verificar Existência de Problemas**;
- d. Execute, Verificar Acessibilidade – procurar conteúdo no documento que seja difícil de ler por pessoas com incapacidades.
- e. Consulte os resultados da inspeção na caixa do **Verificador de Acessibilidade**. Os resultados do validador são organizados em três categorias: **Erro, Aviso e Dica**.

Erro - o problema encontrado torna o acesso ao conteúdo, por parte de pessoas com incapacidades, muito difícil ou mesmo impossível. É muito importante que a ocorrência encontrada seja corrigida

Aviso - o problema encontrado torna, por vezes, o acesso ao conteúdo, por parte de pessoas com incapacidades, difícil.

Dica - apesar de o documento ser acessível a pessoas com incapacidades, pode ser melhorado, maximizando a experiência de utilização.

Segundo as diretrizes de acessibilidade da *WEB Content Accessibility Guidelines (WCAG, 2011)* é considerado fundamental no uso do EXCEL:

- Fazer uma descrição Geral do *layout*, indicando a direção do fluxo do texto (se é de cima para baixo ou da esquerda para a direita).
- Identificar cabeçalhos de linha e coluna.
- Todos os elementos de leitura visual devem estar identificados e ter um equivalente textual (descrição).
- Se recorrer à cor para mostrar informação em gráficos, deve garantir o máximo contraste.
- Identifique cada folha com um nome significativo e representativo da informação.

Para mais informações sobre a WCAG pode aceder a:

<http://www.acessibilidade.gov.pt/w3/TR/WCAG20/>

9. Contactos Importantes dentro do Técnico

Grupo de Trabalho para Estudantes com Necessidades Educativas Especiais

<https://nee.tecnico.ulisboa.pt/>
genee@tecnico.ulisboa.pt
carla.boura@tecnico.ulisboa.pt

Área de Graduação (Alameda)

Pav. Central - Piso 0
Tel: 218417222
lidia.silva@tecnico.ulisboa.pt

Apoio ao Estudante do Taguspark

Gabinete 0.53
Tel: 210407096
carla.boura@tecnico.ulisboa.pt

Núcleo de Desenvolvimento Académico

Pav. Civil - Piso 3 (sala 5.09 - Alameda)
Tel: 218419412
nda@tecnico.ulisboa.pt

Biblioteca (Alameda)

Complexo Interdisciplinar, Torre Sul, Torre Norte, Pav. Civil, Pav. Mecânica e Pav. Central
Tel: 218417804
bist@tecnico.ulisboa.pt

Biblioteca (Taguspark)

Tel: 214233266
biblioteca-tagus@tecnico.ulisboa.pt

10. Outros Sítios de interesse

Balcão da Inclusão - <http://www.seg-social.pt/balcao-da-inclusao>
GTAEDES – <http://www.gtaedes.pt/>
Organização Mundial de Saúde – <http://www.who.int/en/>
Portal da Diabetes - <http://www.apdp.pt/>
Portal do Cidadão com Deficiência - <http://www.pcd.pt/>
Portugal Acessível – <http://www.portugalaccessivel.pt/default/home/id/15>
erviço Nacional de Saúde – <https://www.sns.gov.pt/>
SOS Ensino Superior – <http://www.sos-ensinosuperior.com/>

11. Regulamento NEE do Técnico

Regulamento do Estudante com Necessidades Educativas Especiais do Instituto Superior Técnico

Considerando o disposto no n.º 1 do artigo 13.º do Despacho n.º 6255/2016 publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 91, de 11 de maio de 2016, é redefinido o Regulamento do apoio ao Estudante com Necessidades Educativas Especiais do Instituto Superior Técnico de acordo com a realidade e as especificidades da Escola, com o objetivo de estabelecer as condições de acesso a apoios específicos e os procedimentos a adotar.

Artigo 1.º

Âmbito

1 — O Instituto Superior Técnico integra a Rede NEE -ULisboa, a qual tem por objetivo coordenar as atividades e iniciativas ligadas ao apoio aos Estudantes -NEE da ULisboa e rentabilizar recursos e saberes.

2 — Consideram-se como Estudantes com Necessidades Educativas Especiais (Estudantes- -NEE) os estudantes abrangidos pelas categorias definidas pela OCDE, CTN. A e CTN. B,

sendo:

a) Categoria transnacional A (CTN. A): inclui os estudantes com deficiências ou incapacidades consideradas em termos médicos como perturbações orgânicas, atribuíveis a patologias orgânicas, por exemplo, associadas a deficiências sensoriais, motoras ou neurológicas. Considera-se que a necessidade educativa emerge primariamente de problemas atribuíveis a estas deficiências.

b) Categoria transnacional B (CTN. B): engloba estudantes com perturbações comportamentais ou emocionais ou com dificuldades de aprendizagem específicas. Considera -se que a necessidade educativa emerge primariamente de problemas na interação entre o estudante e o contexto educacional.

3 — O presente Regulamento aplica -se aos Estudantes -NEE de todos os ciclos de estudos ministrados pelo Instituto Superior Técnico.

4 — Caso o Estudante -NEE o pretenda, o seu estatuto de Estudante -NEE deve ser mantido sob reserva, salvo no que respeita aos intervenientes nos procedimentos decorrentes da aplicação do presente Regulamento.

Artigo 2.º

Comprovação das condições de atribuição do estatuto de Estudante -NEE

1 — A aplicação do estatuto de Estudante -NEE é requerida no serviço competente, Área de Graduação no campus Alameda e no Núcleo de Apoio ao Estudante no campus Taguspark (NAPE -TP), no início do ano letivo (exceto se a condição só se manifestar posteriormente ou resultar de ocorrência posterior ao início do ano escolar).

2 — O requerimento deve ser acompanhado de relatórios ou pareceres comprovativos emitidos por especialistas, designadamente médicos, psicólogos, terapeutas da fala ou outros adequados para cada caso específico, indicando nomeadamente se a condição é permanente ou temporária.

3 — No caso dos Estudantes -NEE permanentes, o requerimento referido no número anterior deve ser apresentado apenas uma vez.

4 — No caso dos Estudantes -NEE temporárias, o estudante deve fazer periodicamente prova da condição.

5 — Os relatórios ou pareceres devem ser fundamentados, designadamente explicitando o tipo de condição e a sua gravidade, em função do trabalho a desenvolver pelo estudante durante a frequência universitária, designadamente nos seguintes domínios:

- a) Visão;
- b) Audição;
- c) Capacidade motora;
- d) Doença crónica;
- e) Psicológico/Psiquiátrico;
- f) Dificuldades de aprendizagem;
- g) outras condições objetivamente limitativas com implicações no contexto ensino-aprendizagem.

6 — Sempre que necessário, podem ser solicitados documentos adicionais de modo a completar o processo individual de cada estudante.

7 — O reconhecimento do Estatuto de Estudante -NEE temporário é anual.

Artigo 3.º

Análise do processo

1 — Compete ao Presidente do Instituto Superior Técnico, ou a quem este delegue competência decidir sobre cada requerimento, que pode solicitar parecer ou a colaboração de técnicos especialistas.

2 — De modo a garantir o adequado acompanhamento e a organização dos apoios disponíveis

com a brevidade possível, a comunicação da decisão sobre a atribuição do estatuto de Estudante - NEE, prevista no número anterior, deve ocorrer, preferencialmente, no prazo de 30 dias, não podendo, em caso algum, exceder os 90 dias.

3 — Tendo em consideração um adequado acompanhamento do processo dos Estudantes-NEE e aferir se as medidas compensatórias se mantêm as mais adequadas, cada aluno deverá contactar o responsável pelo acompanhamento aos Estudantes -NEE no início de cada ano letivo.

Artigo 4.º

Responsável pelo acompanhamento de Estudantes -NEE

O Responsável pelo acompanhamento de Estudantes-NEE deverá:

- a) Avaliar as bases de sustentação para a atribuição do estatuto de Estudante -NEE e, caso se justifique, elaborar um parecer e uma informação descritiva das medidas compensatórias, devendo esta informação estar acessível aos Docentes responsáveis das unidades curriculares em que o estudante está inscrito;
- b) Centralizar a informação relativa aos assuntos relacionados com os Estudantes -NEE;
- c) Articular o processo de acompanhamento dos Estudantes -NEE com o Núcleo de Apoio ao Estudante, o Núcleo de Apoio ao Estudante do campus do Taguspark, o Núcleo de Desenvolvimento Académico e os Serviços de Saúde do Técnico;
- d) Elaborar propostas para a adaptação ou aquisição dos meios necessários à boa concretização do processo de ensino e aprendizagem dos Estudantes -NEE;
- e) Promover a inserção no mercado de trabalho dos diplomados com NEE, em colaboração com a Área de Transferência e Tecnologia e com a Rede NEE -ULisboa.

Artigo 5.º

Condições especiais de frequência dos Estudantes-NEE

- 1 — Em função da sua especificidade, os Estudantes -NEE, a seu pedido, podem beneficiar de prioridade em qualquer ato de inscrição, matrícula, escolha de turmas/horários e registo académico.
- 2 — Os docentes devem recorrer a meios técnicos e metodologias que minimizem as limitações dos Estudantes -NEE.
- 3 — Os docentes que contem com Estudantes -NEE nas suas turmas devem procurar apoiá-los, em função das suas características específicas, no acompanhamento das atividades escolares, nomeadamente disponibilizando horas de orientação tutorial para o seu acompanhamento personalizado.
- 4 — Será concedida a possibilidade dos Estudantes -NEE gravarem as aulas para fins exclusivamente escolares, desde que autorizado pelo(a) docente. Caso contrário, o(a)

docente deverá fornecer atempadamente ao estudante os elementos referentes ao conteúdo de cada aula.

- 5 — No caso da Dissertação de Mestrado, o Estudante -NEE poderá usufruir de apoios específicos para a sua redação, nomeadamente através do Orientador da Dissertação do Mestrado ou de entidades externas especializadas e isentas, validadas pelo Orientador da Dissertação do Mestrado a quem compete assegurar que os conteúdos e conhecimentos fornecidos ao estudante não são alterados.
- 6 — Os Estudantes -NEE podem usufruir de acompanhamento psicopedagógico personalizado nos seguintes serviços, sempre que tal se justifique:
 - a) Núcleo de Apoio ao Estudante campus Alameda — mentoria e acompanhamento de colegas coaptados para apoio (Guias);
 - b) Núcleo de Apoio ao Estudante campus Taguspark — acompanhamento psicopedagógico, mentoria e acompanhamento de colegas coadaptados para apoio (Guias);
 - c) Núcleo de Desenvolvimento Académico — acompanhamento psicopedagógico e tutoria;
- 7 — Se necessário, é autorizada a presença de um terceiro com funções de assistência ao Estudante -NEE, em moldes a definir, bem como de um cão de assistência, nos termos previstos no Decreto -Lei n.º 74/2007, de 27 de março.

Artigo 6.º

Apoio Social

- 1 — Os estudantes com grau de incapacidade igual ou superior a 60 % podem candidatar -se a Bolsas de Estudo para Frequência no Ensino Superior no valor da propina através da DGES, de acordo com o despacho 8584/2017 de 29 de setembro.
- 2 — Os estudantes bolseiros, com grau de incapacidade igual ou superior a 60 %, atestado por junta médica, podem requerer complemento de bolsa junto dos Serviços de Ação Social da Universidade de Lisboa, bem como produtos e serviços de apoio, nos termos previstos no Regulamento de Atribuição de Bolsas de Estudo a Estudantes do Ensino Superior;
- 3 — O Técnico deve promover condições de alojamento sem barreiras nas residências de estudantes em funcionamento e a edificar, bem como prioridade na atribuição a Estudantes -NEE face à disponibilidade existente, devendo ser autorizada a entrada de terceiros nas residências universitária para apoio específico quando comprovadamente o necessitem.
- 4 — Os Estudantes -NEE devem ter atendimento prioritário e adaptado nas cantinas, dependendo das suas necessidades.

Artigo 7.º

Acessibilidade e mobilidade

- 1 — O Instituto Superior Técnico deve assegurar atendimento prioritário e acessibilidade nas suas instalações, de acordo com a legislação em vigor, que especifica as normas técnicas destinadas a pessoas com mobilidade condicionada.
- 2 — No caso de existirem barreiras físicas que limitem a acessibilidade, devem ser procuradas soluções alternativas, sem prejuízo da definição de um plano de eliminação de barreiras físicas.
- 3 — Nos termos dos números 1 e 2, para qualquer obra de construção ou remodelação em edifícios pertencentes ao Instituto Superior Técnico, bem como nas respetivas áreas limítrofes de acesso, pode ser solicitado aconselhamento especializado à Rede NEE - ULisboa.
- 4 — As salas de aulas atribuídas às turmas que incluam Estudantes -NEE devem ser de fácil acesso e devem ter mobiliário adaptado.
- 5 — Os Estudantes -NEE têm direito a escolher os lugares nas salas de aula que correspondam às suas necessidades específicas.
- 6 — Os sistemas de informação baseados na tecnologia, designadamente serviços de atendimento e aprendizagem virtuais, devem assegurar acessibilidade aos Estudantes -NEE.
- 7 — Não sendo possível assegurar as condições de acessibilidade referidas no número anterior, podem ser criadas medidas de carácter excecional que assegurem aos Estudantes NEE o acesso aos conteúdos e serviços.
- 8 — Os serviços do Instituto Superior Técnico devem estabelecer acordos de colaboração que permitam melhorar a acessibilidade às instalações pelos Estudantes -NEE com mobilidade reduzida.

Artigo 8.º

Adaptação das unidades curriculares

- 1 — Podem ser introduzidas alterações pontuais aos conteúdos das unidades curriculares e/ou às atividades nelas incluídas, no caso de as características do Estudante -NEE claramente o recomendarem.
- 2 — O Responsável pela unidade curricular deve ponderar e decidir sobre os pontos suscetíveis de alteração, assim como sobre as medidas de compensação, caso haja lugar a aplicar ao Estudante -NEE.

Artigo 9.º

Regime de avaliação

- 1 — Os estudantes com Estatuto NEE devem ter a possibilidade de ser avaliados sob formas ou condições adequadas à sua situação, não pondo em causa a correta avaliação das

competências e conhecimentos a avaliar.

- 2 — Os docentes devem possibilitar aos Estudantes -NEE, cujo estado de saúde requeira sucessivos internamentos hospitalares ou ausências prolongadas para tratamento/medicação, a realização dos elementos de avaliação em datas alternativas, a decorrer no espaço dedicado a cada ano letivo.
- 3 — Quando justificado, os Estudantes -NEE podem ter um período de tempo adicional de tempo (15 minutos por cada hora de duração) e acesso a Época Especial de exames, em função de parecer favorável emitido pelo serviço responsável.
- 4 — No caso da Dissertação de Mestrado:
 - a) A data de entrega poderá ser alterada dentro dos prazos académicos gerais do IST sempre que se justifique, sendo da competência do Coordenador de Mestrado a alteração da mesma;
 - b) Compete à Coordenação do Mestrado e ao Orientador, alertar o júri atempadamente, informando das condições e necessidades especiais do estudante;
 - c) A defesa poderá ser realizada através de outro método que não a apresentação oral, se depois de reunido o júri e exibida a apresentação, haja concordância no estabelecimento de uma outra forma de comunicação. Esta poderá passar por auxílio escrito, nomeadamente através da utilização de computador ou de outra ferramenta com a qual o estudante esteja familiarizado;
 - d) Cabe ao Orientador solicitar ao Presidente do Júri a possibilidade de conceder tempo suplementar ao estudante na discussão da Dissertação de Mestrado.

Artigo 10.º

Regime de prescrições

Os Estudantes-NEE do Instituto Superior Técnico gozam de regime especial de prescrição, nos termos do Regulamento de Prescrições na Universidade de Lisboa, publicado pelo Despacho n.º 10762/2008, de 11 de abril, em que cada inscrição é apenas contabilizada como 0,5.

Artigo 11.º

Situações omissas

Todas as situações omissas neste Regulamento são decididas por despacho do Presidente do Instituto Superior Técnico.

Artigo 12.º

Entrada em vigor

O presente regulamento entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação no Diário da República.

312491645